



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade devem reforçar sinais de perda de tração da economia no fim do 4T24

Hoje (17) serão conhecidos os dados finais de atividade referentes ao mês de dezembro, que devem confirmar os sinais de desaceleração observados até o momento. Agora há pouco, o BCB informou que o índice IBC-Br de atividade econômica recuou 0,7% no mês, refletindo a queda de todos os principais setores no período: varejo (-1,1%), serviços (-0,5%) e indústria (-0,3%). Com isso, o índice ficou estável no trimestre, após alta de 1,2% no 3T24, confirmando o arrefecimento da economia no período. De toda forma, o índice confirmou o bom resultado da atividade no ano, com expansão de 3,8% no período. Também hoje, a FGV divulga o Monitor do PIB de dezembro, que deve ir na mesma direção e apontar recuo da atividade no mês e um crescimento modesto no 4T24. O resultado oficial do PIB do 4º trimestre de 2024 será divulgado pelo IBGE no dia 07 de março e, como indicado nos dados antecedentes, deve mostrar um baixo crescimento no período, em função do novo ciclo de alta da taxa Selic e da piora das condições financeiras, porém, ainda assim suficiente para garantir um crescimento próximo a 3,5% em 2024.

Também hoje cedo, a FGV divulgou o resultado do IGP-10 de fevereiro, que acelerou para 0,87% no mês (ante 0,53% em janeiro), bem acima das expectativas (+0,27%). O resultado é explicado pela aceleração da inflação dos produtos industriais no atacado, que ficou em 1,47%, diante forte alta do preço do álcool anidro (+5,09%) e do café torrado (+17,68%). Na mesma direção, a deflação dos preços dos produtos agropecuários no atacado também arrefeceu (de -0,88%, para -0,27%), sugerindo que as pressões inflacionárias para os consumidores devem continuar no curto prazo. No acumulado em 12 meses, o IGP-10 atingiu 8,35% (ante 6,73%).

No setor bancário, haverá a reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central e o encerramento da divulgação da safra de balanços do 4T24. O Comef se reúne na quarta (19) e, sem surpresas, deve manter o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCP) zerado. Porém, será importante observar o teor do comunicado, dado que o BCB vem chamando atenção para a pujança do mercado de crédito e alertado as IFs para manterem a qualidade de suas concessões, diante do ciclo de alta dos juros. Na agenda corporativa, o Banco do Brasil divulga seu resultado na quarta (19), com expectativa de lucro de R\$ 9,4 bi (-1,1%) no 4T24 e de R\$ 37,3 bi (+6,1%) no ano. Além do BB, também serão conhecidos na semana os números do BMG (hoje), XP (terça, dia 18) e Nubank (quinta, dia 20).

A agenda internacional traz poucas divulgações na semana, com destaque para a ata da última reunião do Fomc/Fed. O documento trará mais detalhes sobre a decisão de manter os juros inalterados nos EUA no intervalo entre 4,25% e 4,50% aa, diante de um cenário de inflação ainda acima da meta, atividade econômica resiliente e mercado de trabalho aquecido. A divulgação, que será feita na quarta (19), ganhou relevância depois dos dados acima do esperado da inflação (CPI) no país. Importante observar se a maioria dos membros do Fed ainda entende que há espaço para novas quedas dos juros ao longo do ano, ou se a interrupção do ciclo de cortes na realidade significa um fim de ciclo.

Dentre os indicadores, serão divulgadas as prévias de fevereiro dos índices PMIs e dados de confiança dos consumidores nos EUA e na Europa. No geral, os agentes buscarão entender se, no caso dos EUA, a economia segue em expansão neste início de ano ou se as políticas implementadas por Donald Trump (especialmente em relação às tarifas) pode estar gerando alguma apreensão entre empresários e consumidores (especialmente em relação a custos/inflação). Na Zona do Euro, o mercado buscará sinais de alguma recuperação da atividade, diante da queda dos juros na região. Os dados serão divulgados entre os dias 20 e 21 de fevereiro.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/fev	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Dez/24	-0,4% m/m 3,3% a/a	0,1% m/m 4,1% a/a
17/fev	FGV: Monitor do PIB	Dez/24	-	0,6% m/m 3,4% a/a
17/fev	FGV: IGP-10	Fev/25	0,27% m/m 7,73% a/a	0,53% m/m 6,73% a/a
19/fev	BCB: Reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef)	Fev/25	-	-

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T24 e 2024

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T24 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2024	Var.% no Ano
BMG	17/fev	112	-3,4%	-9,7%	427	108,3%
XP	18/fev	1.222	3,0%	17,5%	4.556	16,8%
Banco do Brasil	19/fev	9.414	-1,1%	-0,3%	37.730	6,1%
Nubank	20/fev	US\$ 588	-	-	-	-

Fonte: Áreas de RI dos bancos e Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/fev	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	29/jan/2025	-	-
19/fev	EUA	Construção de casas novas	Jan/25	-6,8% m/m	15,8% m/m
19/fev	EUA	Alvarás para novas construções	Jan/25	-1,5% m/m	-0,7% m/m
19/fev	China	Taxas de Empréstimo Prime (1 ano e 5 anos)	Fev/25	3,10% aa; 3,60% aa	3,10% aa; 3,60% aa
20/fev	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Fev/25 – prévia	-13,9 pts	-14,2 pts
21/fev	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Fev/25 – prévia	47,0 pts / 51,6 pts	46,6 pts / 51,3 pts
21/fev	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Fev/25 – prévia	51,2 pts / 53,0 pts	51,2 pts / 52,9 pts
21/fev	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Fev/25 – final	67,8 pts	71,1 pts
21/fev	EUA	Vendas de casas já existentes	Jan/25	-2,6% m/m	2,2% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação segue pressionada, enquanto atividade mantém sinais de arrefecimento

O IPCA subiu 0,16% em janeiro, abaixo do dado de dezembro (+0,52%) e jan/24 (+0,42%). Com isso, a inflação acumulada em 12 meses desacelerou de 4,83% para 4,56%, mas acima do teto da meta (4,50%). O resultado foi explicado pela intensa queda dos preços da energia elétrica (-14,21%), beneficiada pelo “Bônus de Itaipu”, que exerceu um impacto de -0,55 pp sobre o índice agregado. Sem tal efeito, o índice teria subido 0,71% no mês (e 5,13% em 12 meses).

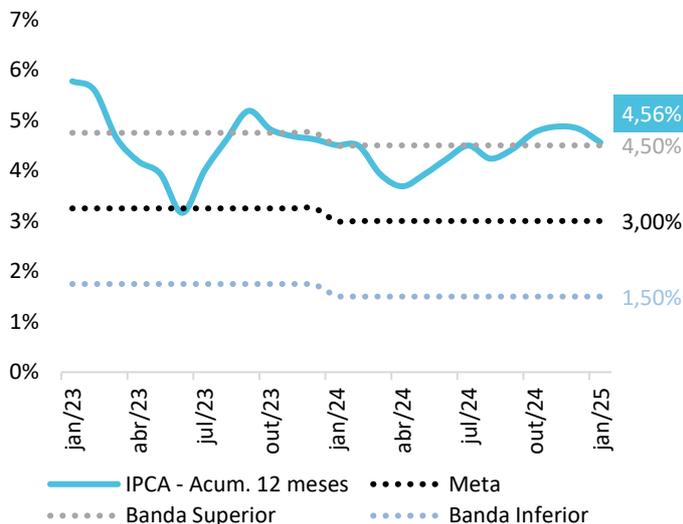
Por outro lado, os preços dos alimentos consumidos no domicílio continuaram em alta (+1,07%), pressionados pelos itens *in natura*, típico para a estação do ano (verão). O avanço foi atenuado pela desaceleração da inflação das carnes, que passou de 5,26% em dezembro para 0,36%. Outra alta importante no mês veio do grupo transportes (+1,30%), em função da elevação das passagens aéreas (+10,42%), tarifas de ônibus (+3,84%) e combustíveis (+0,75%).

Do ponto de vista qualitativo, os sinais também não foram favoráveis. A média dos cinco núcleos acompanhados com mais atenção pelo BC acelerou pelo 5º mês seguido, de 4,34% para 4,54% (em 12 meses). A inflação dos serviços subjacentes, mais ligados ao ciclo econômico, subiu para 5,95% (maior patamar desde jul/23), enquanto a inflação dos bens industriais acelerou de 2,88% para 2,98%, refletindo a recente depreciação do câmbio.

Portanto, o alívio observado em janeiro foi pontual, sem alterar a dinâmica da inflação, que segue preocupante. Como exemplo, em fevereiro, o índice deve mostrar alta relevante, estimada, por ora, em cerca de 1,40%. Uma série de fatores devem pressionar a inflação do mês, como: i) devolução do bônus de Itaipú nas contas de energia; ii) reajustes dos combustíveis (ICMS e diesel); iii) reajustes das mensalidades escolares; iv) efeito residual dos reajustes dos transportes públicos urbanos. Com isso, o IPCA deve atingir cerca de 5,15% no acumulado em 12 meses. Tal cenário sugere que o Copom deve promover novas altas dos juros, além da já sinalizada para a reunião de março (+1,0 pp, para 14,25% aa), levando a Selic para cerca de 15% aa.

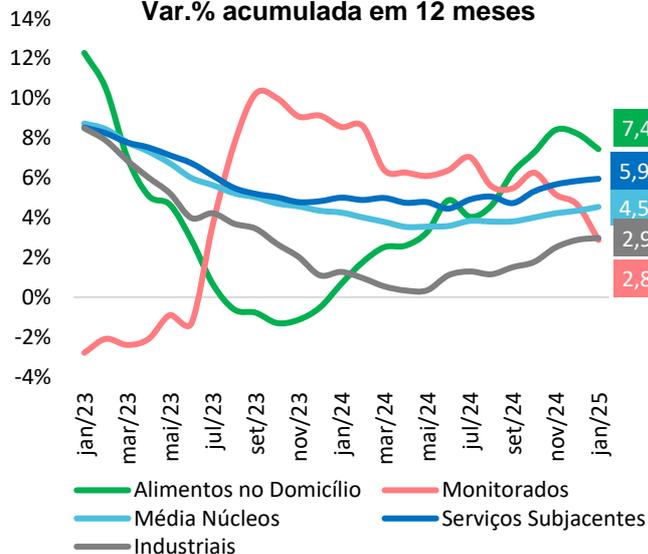
Em relação à atividade, o desempenho dos indicadores setoriais em dezembro reforçou a leitura de esfriamento da economia no final de 2024. Os números surpreenderam de maneira negativa, sinalizando um baixo crescimento do PIB no último trimestre do ano passado.

Quadro 1: IPCA – Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

As vendas no varejo ampliado recuaram 1,1% em dezembro, bem pior do que o esperado pelo mercado (-0,1%). Esta foi a segunda queda seguida, dado que o setor já havia recuado 1,4% em novembro. No mês, o predomínio foi de taxas negativas, com queda em 7 das 10 atividades analisadas. Destaque para as fortes quedas nas vendas de combustíveis (-3,1%), artigos farmacêuticos (-3,3%) e materiais de construção (-2,8%). As vendas nos supermercados, que representam pouco mais de 1/3 do setor, também caíram (-0,4%).

Com isso, o varejo ampliado fechou o 4º trimestre com retração de 0,4%, encerrando uma sequência de quatro trimestres em expansão. As quedas mais relevantes do período vieram das vendas de artigos farmacêuticos (-1,5%) e materiais de construção (-1,3%).

No entanto, a despeito do arrefecimento no final do ano, o ano de 2024 foi marcado por um aumento relevante do consumo de bens, com o setor registrando alta de 4,1%, quase o dobro do ano anterior (+2,3%), impulsionado pela expansão da renda real das famílias e do crédito. Neste sentido, um dos destaques do ano foi o aumento das vendas de veículos e peças (+11,7%).

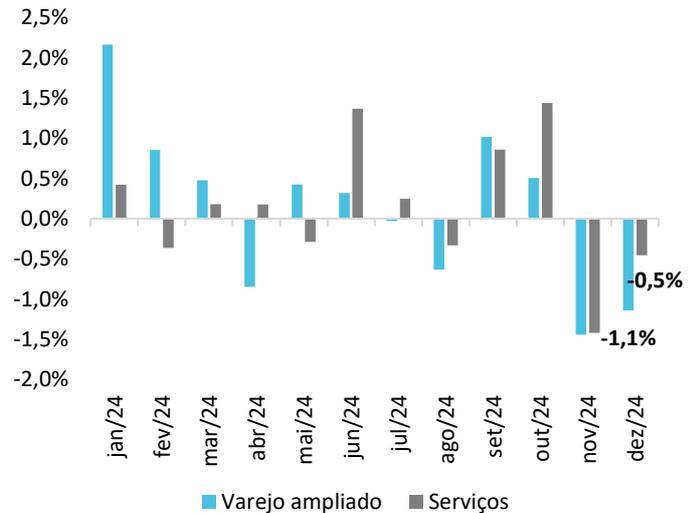
O setor de serviços também decepcionou ao recuar 0,5% em dezembro, ante expectativa de uma ligeira alta de 0,1%. A queda foi acompanhada por 3 das 5 atividades, notadamente daquelas prestadas às empresas, como os serviços de informação (-0,7%), profissionais (-0,7%) e “outros” (-4,2%). Já os serviços prestados às famílias avançaram 0,8%.

De forma similar, esta também foi a segunda queda seguida do setor (-1,4% em novembro). Ainda assim, o setor registrou crescimento no 4º trimestre, de 0,8%, a 7ª expansão seguida nesta métrica, sustentado pelo avanço dos serviços de transportes (+2,5%) e prestados às famílias (+1,8%).

No ano, o desempenho também foi robusto, com expansão de 3,1%, pouco acima do observado em 2023 (+2,9%), com alta relativamente disseminada entre as atividades, com destaque para os serviços de informação (+6,2%) e profissionais (+6,2%).

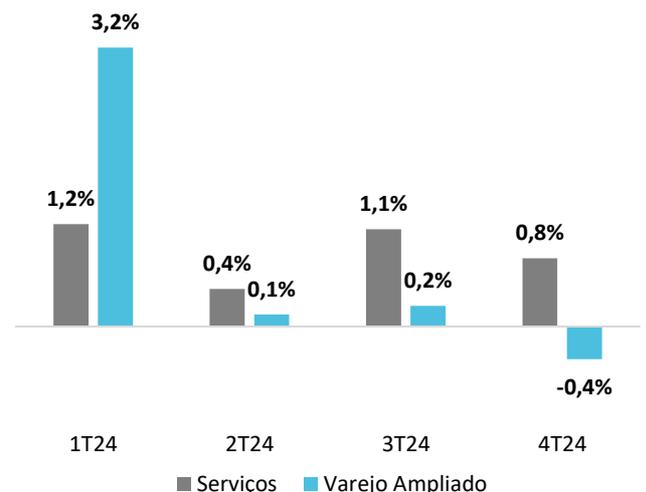
No geral, as surpresas negativas com os grandes setores (incluindo a indústria) reforçaram a leitura de um esfriamento da economia na reta final de 2024, que devem ter levado a um baixo crescimento do PIB no período. De toda forma, não o suficiente para alterar o quadro de que o ano foi marcado por uma expansão robusta no consumo de bens e serviços. Para 2025, o cenário deve ser menos favorável, contido pela política monetária contracionista e maiores incertezas no cenário global.

Quadro 3: Varejo e Serviços – Var. % mensal



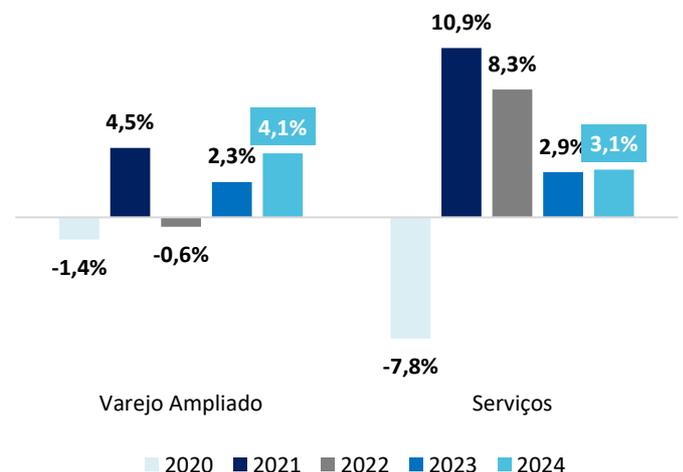
Fonte: IBGE

Quadro 4: Varejo e Serviços – Var. % trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 5: Varejo e Serviços – Var. % anual



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

CPI acima do esperado, falas de Powell e tarifas de Trump reforçam cautela com o Fed

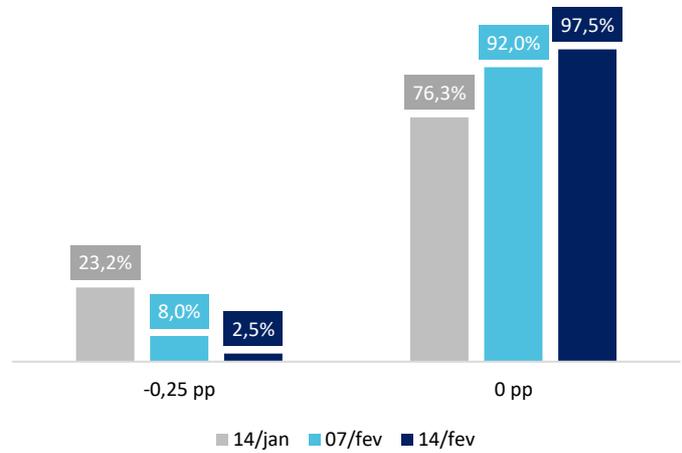
A semana foi marcada pelo avanço da agenda protecionista de Donald Trump, que anunciou tarifas de 25% para a importação de ferro/aço, independente do país de origem e tarifas retaliatórias contra países que cobram taxas superiores aos EUA, reforçando o temor com a evolução da inflação no país. Na mesma direção, os dados de inflação ao consumidor (CPI) de janeiro acima do esperado e o discurso de Jerome Powell no Congresso aumentaram as apostas dos agentes de que o Fed tende a ser cauteloso em suas próximas reuniões. A expectativa de manutenção dos juros entre 4,25% e 4,50% na reunião de março praticamente se tornou unânime, segundo dados do CME Group. Para o ano todo, os agentes passaram a esperar apenas um corte de 0,25 pp dos *Fed Funds*.

O CPI subiu 0,5% em janeiro nos EUA, acima do esperado (+0,3%) e do observado em dez/24 (+0,4%). No mês, a alta dos preços foi disseminada, puxada pelos itens de energia (+1,1%), como da gasolina (+1,8%), além dos alimentos (+0,4%), diante da forte alta dos preços dos ovos (+15,2%), em função do surto de gripe aviária no país. Contudo, o núcleo do CPI também surpreendeu ao subir 0,4%. Em 12 meses, o índice cheio acelerou pelo 4º mês seguido, atingindo 3,0% (ante 2,4% em setembro), enquanto o núcleo subiu para 3,3%, ainda com fortes pressões do aluguel residencial (+4,2%). Os preços ao produtor (PPI) também subiram acima do esperado no mês (0,5% ante +0,3%), reforçando os temores sobre a trajetória da inflação, que não dá mais sinais de convergência para a meta (2%), pelo contrário.

Neste sentido, em seu testemunho no Senado e na Câmara, Jerome Powell, presidente do Fed, voltou a declarar que não há pressa para o Fed voltar a cortar os juros, informando que o Colegiado será paciente. Powell também reconheceu que a atividade e o mercado de trabalho estão equilibrados e não são uma fonte significativa de pressão inflacionária. Sobre uma possível alta nos juros dos EUA, se limitou a dizer que o Fed fará o necessário para levar a inflação para a meta, sem dar detalhes adicionais.

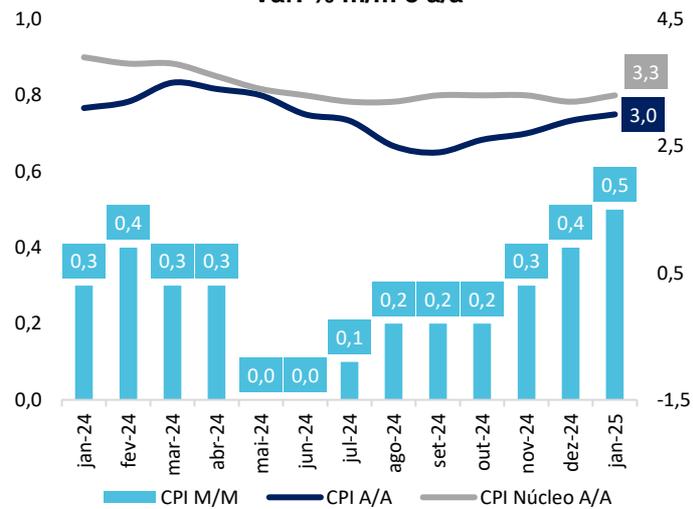
Quanto à atividade, destaque para as vendas no varejo, que recuaram 0,9% em janeiro, bem pior do que o esperado (-0,1%). O resultado foi impactado pelas más condições climáticas (inverno rigoroso e incêndios na Califórnia). Importante observar as próximas divulgações para entender se é uma tendência ou foi algo pontual. Já a indústria surpreendeu positivamente ao subir 0,5% no mês (ante expectativa de +0,3%), puxada pelo setor de *utilities* (+7,2%), enquanto a mineração (-1,2%) e a manufatura (-1,0%) recuaram no período.

Quadro 6: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de março



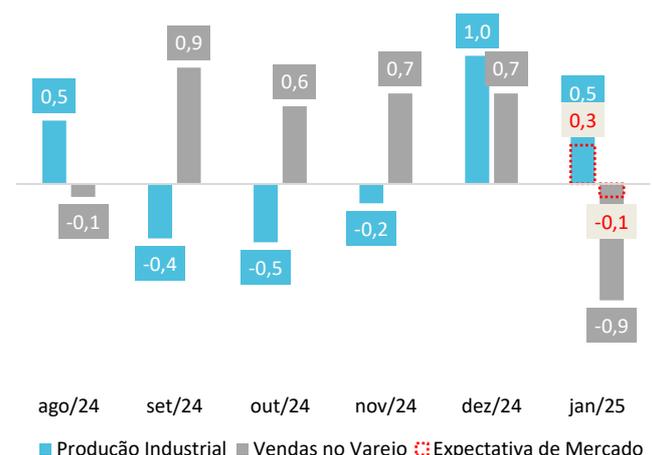
Fonte: CME Group.

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: EUA – Produção Industrial e Vendas no varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção de crescimento do crédito para 2025 é revista para 8,5%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 21 bancos entre 05 e 10 de fevereiro, captou uma redução na expectativa de crescimento da carteira de crédito total em 2025, de uma alta de 9,0% na pesquisa anterior (dez/24) para 8,5%. A revisão para baixo reflete a piora do cenário econômico, com expectativa de uma inflação maior, e, conseqüentemente, juros mais altos também ao longo do ano.

A revisão baixista foi disseminada entre as principais carteiras: Livre/Direcionada e PF/PJ. Na carteira com recursos livres, a projeção saiu de uma alta de 8,3% para 8,1%, refletindo a maior seletividade das instituições financeiras no mercado de crédito. Para as empresas, a projeção ficou em 7,1% (ante +7,8%), enquanto para as famílias, a expansão esperada ficou em 8,6% (ante +9,1%).

Para a carteira de crédito Direcionada, a expansão esperada atingiu 9,0% (ante 9,7% na pesquisa anterior). A queda foi puxada pelo crédito direcionado destinado às famílias, que saiu de alta de 9,8% para 8,9%. Na carteira PJ, a revisão foi marginal, de 9,1% para 9,0%.

Por outro lado, houve ligeira melhora na projeção para a taxa de inadimplência da carteira Livre, que passou de 4,7% para 4,6%, ainda que bem acima do observado no fim de 2024 (4,1%). Uma

provável explicação é que a maior seletividade no crédito deve levar a uma piora menos intensa da inadimplência ao longo do ano.

A pesquisa também coletou as primeiras projeções para a expansão do crédito em 2026. A média das projeções indica que o movimento de desaceleração do crédito deve continuar, com expansão esperada de 7,7% no ano que vem. Tal desaceleração seria liderada pelo crédito com recursos livres, cuja projeção ficou em 7,1% (ante alta de 8,1% esperada para este ano). Já as linhas direcionadas devem registrar desaceleração mais suave, com alta de 8,6% (ante 9,0% projetado para este ano). Por fim, a expectativa para a inadimplência com recursos livres é de estabilidade em 4,6%.

No geral, o resultado da pesquisa manteve a tendência de acomodação das expectativas de crescimento do crédito neste ano em relação à expansão observada em 2024 (+10,9%). Essa revisão já era esperada e já vinha se desenhando desde o último trimestre, refletindo a piora do cenário econômico, com expectativas de inflação e juros mais altos. Ao longo do ano, os números devem evoluir de acordo com a dinâmica da economia, do cenário fiscal e de outras variáveis relevantes, que poderão alterar a perspectiva atual.

O Quadro 9 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 9: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2025		2026	
	Pesquisa Dez/24	Pesquisa Fev/25	Pesquisa Dez/24	Pesquisa Fev/25
Carteira Total (var. % – total do SFN)	9,0	8,5	-	7,7
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,3	8,1	-	7,1
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,9	7,1	-	6,5
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,1	8,6	-	7,7
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,7	9,0	-	8,6
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	9,1	9,0	-	8,5
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,8	9,0	-	8,7
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,7	4,6	-	4,6

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

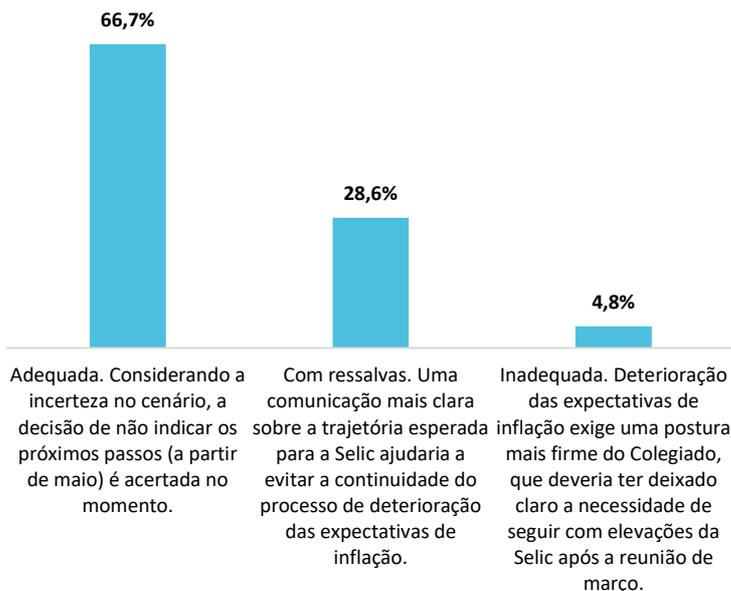
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria dos entrevistados (66,7%) avaliou como adequada a decisão do Copom de não antecipar sua decisão para a reunião de maio (apenas para março), dado o cenário incerto. Porém, para os demais (33,4%), o Copom poderia, ao menos, ser mais assertivo em sua comunicação, indicando a trajetória esperada para a taxa Selic.
- Sobre a trajetória da Selic, 76,2% dos entrevistados esperam que a taxa suba além de 14,25% aa neste ano e que o início de cortes não comece em 2025. Como comparação, na pesquisa de dez/24, apenas 47,4% haviam escolhido esta opção, ilustrando a piora do cenário desde então.
- Neste contexto, a expectativa para os juros voltou a se elevar ante a pesquisa anterior. Agora, a mediana para a Selic prevê alta até 15,25% aa em jun/25, permanecendo neste patamar ao menos até set/25.

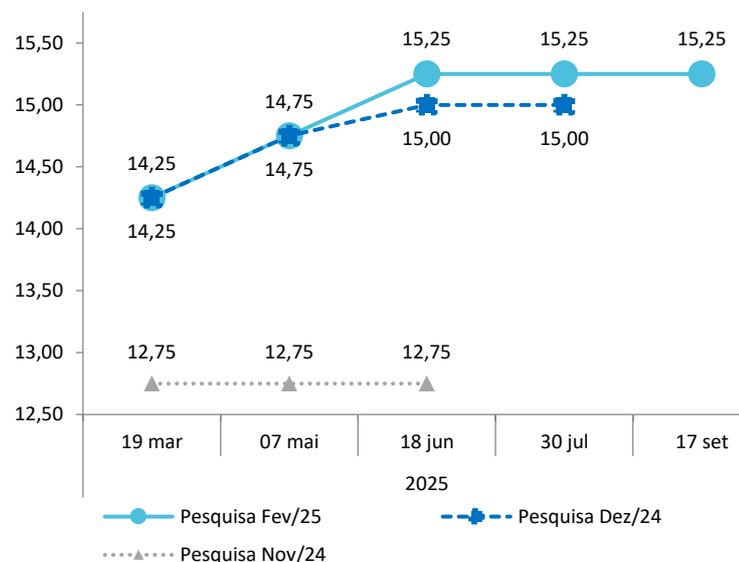
- Já expectativa para a taxa de câmbio é de ligeira depreciação ao longo do ano, atingindo R\$/US\$ 5,95 até set/25.
- Com relação à atividade, pouco mais da metade (52,4%) dos participantes seguem projetando alta do PIB em torno de 2,0% em 2025, próximo ao captado na pesquisa anterior (50,0%). No entanto, o viés é de baixa, com um aumento na parcela dos que preveem uma desaceleração maior, que passou de 27,8% na pesquisa anterior para 33,3% na atual.
- Quanto à inflação, pouco menos da metade (47,6%) entende que a inflação deve ficar próxima a 5,5% (atual consenso do mercado). Entretanto, um terço dos analistas consultados já esperam uma inflação próxima (ou acima) de 6% neste ano.
- Sobre a condução da política monetária pelo Fed, a grande maioria dos entrevistados (71,4%) esperam reduções modestas (1 ou 2 cortes de 0,25 pp) dos juros neste ano. O restante (28,6%) espera que os juros permaneçam no patamar atual, não descartando alta dos *Fed Funds* em 2025.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Percepção dos participantes sobre a última decisão do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 11: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

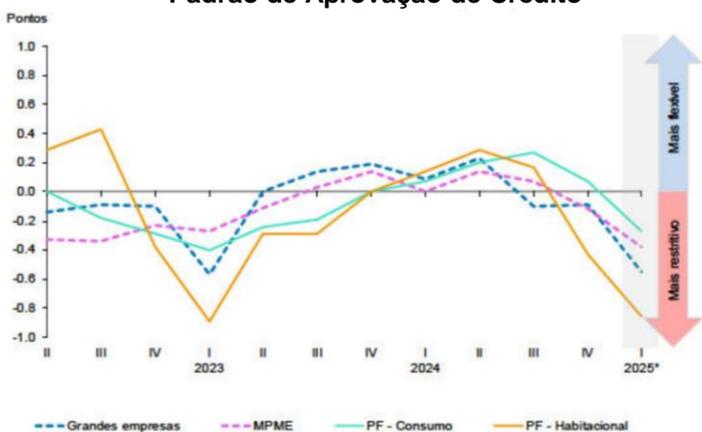
CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central divulgou a [Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito \(PTC\)](#), que coleta as avaliações das IFs sobre as condições do mercado de crédito bancário no SFN. A Pesquisa capta a avaliação das instituições sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos: i) Grandes empresas; ii) Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) Crédito pessoal para consumo; iv) Crédito habitacional (PF).

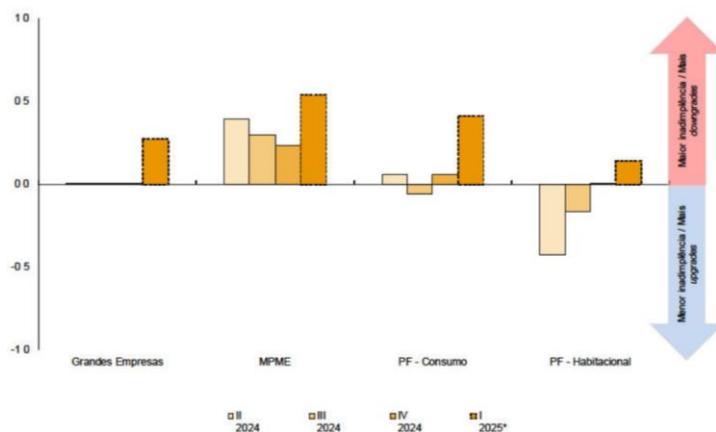
Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada em dezembro de 2024 foram:

- As condições de oferta de crédito pioraram em todos os segmentos no último trimestre de 2024. A expectativa é de continuidade deste movimento neste 1º trimestre, com mais intensidade no crédito habitacional (PF). Os principais fatores que explicam a piora das condições de crédito são: custo e disponibilidade de *funding*, preocupação com inadimplência e menor tolerância ao risco.
- Neste sentido, a expectativa é que a inadimplência aumente neste 1T25, especialmente nos segmentos de PF Consumo e MPMEs.
- Em relação à demanda, a expectativa é que siga mais forte no crédito PF Consumo e com viés negativo nos demais segmentos.
- Entre os segmentos, no caso do crédito PF destinado ao consumo, as piores notas para os fatores de oferta foram atribuídas aos itens: custo/disponibilidade de *funding*, nível de comprometimento de renda do consumidor e ambiente institucional. Por outro lado, houve uma melhora da percepção sobre a captação de novos clientes. Do ponto de vista da demanda, a elevação das taxas de juros é o fator que mais deve conter a procura por crédito.
- No segmento habitacional, o item custo/disponibilidade de *funding* é o que mais deve conter a oferta de crédito, seguido pela preocupação com a inadimplência do mercado. Além disso, não houve melhora em nenhum item avaliado. Do lado da demanda, a alteração nas taxas de juros também é o principal fator de preocupação.
- Entre as grandes empresas, houve piora relevante na avaliação quanto à tolerância ao risco e das condições gerais da economia. Do ponto de vista da demanda, se, por um lado o aumento das taxas de juros é negativo, por outro, há a percepção de aumento da necessidade de capital de giro.
- Já entre as MPMEs, a maior preocupação recai sobre o nível de inadimplência do mercado e o custo de *funding*. No entanto, os repasses do BNDES/Finame seguem como um fator importante de disponibilidade de crédito. E, de forma semelhante ao caso das grandes empresas, também há a percepção que o aumento das taxas de juros deve conter a demanda, enquanto a necessidade de capital de giro deve continuar sendo um vetor positivo.

Quadro 12: Indicador de Oferta – Padrão de Aprovação de Crédito



Quadro 13: Avaliação de Rating/Inadimplência



Fonte: PTC/Bacen

* Os valores do 1T25 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Os demais correspondem às percepções sobre a situação em cada trimestre.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	14/02/25	07/02/25	17/01/25	Viés	14/02/25	07/02/25	17/01/25	Viés
IPCA (%)	5,60	5,58	5,08	▲	4,35	4,30	4,10	▲
PIB (% de crescimento)	2,01	2,03	2,04	▼	1,70	1,70	1,77	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	6,00	6,00	6,00	↔	6,00	6,00	6,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	14/02/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,70	-1,90%	-2,48%	-7,75%	14,57%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	166,79	-4,07%	-7,24%	-22,42%	26,96%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,37	0,76%	1,57%	8,50%	20,56%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,86	-1,70%	-0,69%	-3,53%	49,63%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,56	-1,94%	-0,92%	-6,66%	39,15%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.218,59	2,89%	1,65%	6,60%	0,32%
IFNC (setor financeiro)	13.432,18	2,79%	2,45%	13,55%	2,82%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,26	-0,71%	1,47%	0,40%	-6,89%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,48	-0,41%	-1,38%	-1,25%	5,82%
Dollar Index	106,71	-1,23%	-1,53%	-1,31%	2,31%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.114,63	1,47%	1,23%	3,52%	21,57%
Índice de ações de bancos – EUA	125,83	-1,46%	-0,53%	4,77%	24,46%
Índice Euro Stoxx 50	5.493,40	3,15%	3,91%	12,82%	15,82%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	173,39	2,60%	7,11%	19,29%	46,00%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	74,74	0,11%	-2,63%	0,47%	-9,80%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira